

ANUNCIAR JESUS CRISTO NA PÓS-MODERNIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

*Paulo Cezar Costa**

Resumo

Partindo do atual contexto, a presente reflexão apresenta alguns elementos para ajudar ao anúncio de Jesus Cristo para os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus Cristo. Cristologia. Cultura atual. Pós-modernidade.

Abstract

Starting from the current context, this reflection features some elements to help the proclamation of Jesus Christ to the present day.

KEYWORDS: *Jesus Christ. Christology. Current culture. Postmodernity.*

Jesus durante toda a sua vida, através da sua pregação, chamamento dos 12, ensinamento da oração aos apóstolos, instituição da Eucaristia, morte e ressurreição e efusão do Espírito Santo, funda a sua comunidade escatológica, a Igreja. Este novo povo de Deus, a Igreja, é o sacramento de salvação. Jesus, pelos seus sinais e gestos messiânicos, ações miraculosas de curas, atos de reconciliação, perdão dos pecados, manifestou a salvação escatológica¹. A Igreja é o sinal na história da presença de Jesus Cristo. Ela é a comunidade que tem a missão de proclamar a salvação de Deus para este mundo hodierno.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma; reitor do Seminário Paulo VI, em Nova Iguaçu; professor e diretor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. E-mail: <paucoستا@puc-rio.br

¹ CONGAR, Y. *A igreja sacramento de salvação*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 37.

Nesta sua missão, a Igreja necessita estar atenta à realidade histórica, cultural e social. Este artigo pretende apresentar alguns elementos que possam ajudar no anúncio de Jesus Cristo, neste momento todo especial da história. Não quer trazer receitas prontas, mas apresentar elementos que possam iluminar o anúncio de Jesus Cristo.

1 Uma caracterização da pós-modernidade

Ao longo dos séculos e hoje mais rapidamente foi acontecendo uma profunda mudança na concepção da sociedade e do ser humano. *O sujeito e a racionalidade* tornaram-se os dois grandes pilares da construção da sociedade moderna. Esta racionalidade se manifesta em diversos setores da vida da sociedade. Hoje, a sociedade é organizada por setores de competência técnica. A razão fez um percurso que a deslocou da sua originalidade e tornou-se instrumentalizada (Escola de Frankfurt) a serviço do homem e do mercado. Kant diz que o Iluminismo é a saída do sujeito da menor idade construindo a sua autonomia. A concepção do sujeito livre e autônomo desvinculado do seu referencial ontológico deu origem a um sujeito frágil, levou à indiferença pelo bem público e ao individualismo exagerado. As experiências de solidariedade e fraternidade se tornam sempre mais escassas e superficiais. O que existe é o “eu” isolado da sociedade e na sociedade. Nessa postura de oposição à razão, a pós-modernidade privilegia o sentimental, exalta o individualismo, o passageiro, o efêmero. Camus disse: “A cidade que pretendia ser fraternal tornou-se um formigueiro de homens só”². O indivíduo se fortalece, mas também se enfraquece.

O mercado tornou-se instrumento de poder, conseguiu inserir nas relações as suas normas próprias até nos espaços da vida privada. Cria-se uma consciência do mundo dominada pelo mercado, eliminando os espaços de gratuidade. Toda a batalha contra a metafísica conduz a esta direção. A perda de referencial ontológico conduz a uma banalização das coisas, reduzindo o seu significado ao funcional, utilitário, etc. Esta realidade abrange todos os aspectos da vida humana: pessoa, família, sexualidade, etc. Viver sem fim transcendente tornou-se possível. Por exemplo, é impossível não ver o nexos entre a banalidade e a violência urbana.

² A. CAMUS, *L'homme révolté*, Paris: Gallimard, 1951, 294.

A organização funcional da sociedade distingue a pessoa do seu papel. Inaugurou-se um modo de concepção onde as funções [pessoas] são facilmente substituídas [não se salvaguarda mais a unidade e irrepetibilidade da pessoa]. A organização funcional domina o espaço público, verifica-se uma separação entre função e pessoa. Os critérios para decidir serão cada vez mais os critérios técnicos. A tendência é que esta lógica invada também a individualidade.

A secularização não é a categoria mais adequada para descrever o cenário religioso da pós-modernidade. A religiosidade é difundida no sentido de “um implícito religioso”, não tendo um centro focal bem definido, uma transcendência sem rosto e sem conteúdo. O pensamento fraco não nega Deus, e não sente necessidade de negá-lo, mas o esvazia de todo significado e de todo atrativo transcendente. Deus se torna um ornamento, uma figura que se concilia com a fraqueza ética e com a falta de sentido: um deus sem sentido, espelho de um homem decadente. Convive-se com ele como um dos tantos amuletos da existência, sem deixar-se transformar por ele.

Na América Latina, este cenário pode ser visualizado na indiferença religiosa e principalmente no fundamentalismo religioso. Este cenário é ainda visualizado, sem consciência reflexa, na indiferença generalizada, na apatia, no sentimentalismo religioso irracional, na desvinculação entre religião e ética.

Deste cenário latino-americano, abordaremos somente o fundamentalismo. O fundamentalismo nasce como reação à modernidade³, ele se manifesta em todas as religiões, especialmente nas chamadas religiões do livro: Cristianismo, Islamismo e Judaísmo⁴. Trata-se de reações contra o liberalismo, rejeitando as mudanças culturais e a perda de referências simbólicas. No campo cristão, o fundamentalismo tem a sua origem nos Estados Unidos no início do século XX. Entre os anos de 1910-1915, um grupo de evangélicos conservadores publicou uma série de folhetos, entre os quais se destacava o *The Fundamentals: A Testimony*

³ MEYER, Thomas. *Fundamentalismo: a rebelião contra a modernidade*, Hamburgo, 1989; WEBSTER, R., *Os herdeiros do ódio*, Frankfurt, 1992; C. GEFFRÉ, *Crer e interpretar. A virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 86 comenta: “O fundamentalismo americano é uma manifestação do conflito entre a fé cristã tradicional e a modernidade que nasce com o Século das Luzes e que toma cada vez mais consciência de si mesmo no século XIX”.

⁴ GARCÍA RUIZ, M. “Fundamentalismo” in *Dicionário de pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 363.

to the Truth, que expunha as doutrinas fundamentais sobre as quais a fé tradicional não deve permitir dúvidas ou adaptações, aquilo que seus fundadores consideravam as doutrinas irredutíveis da fé. A origem mais remota do fundamentalismo deve ser buscada no puritanismo Inglês. Segundo Jared Wicks,

os fiéis e as comunidades fundamentalistas estão intensamente ligados à palavra bíblica, vêem o cristianismo centrado na conversão e na aceitação de Jesus Cristo, como senhor e salvador pessoal e se esforçam por seguir um rígido código moral na vida pessoal e familiar⁵.

O fundamentalismo é uma forma de renúncia à racionalidade da fé. Por isso, qualquer adaptação da mensagem cristã à cultura é vista como herética. Renuncia-se à hermenêutica na interpretação da Sagrada Escritura, por isso, a Escritura deve ser lida literalmente, vale o que diz o texto. A palavra definitiva de Deus está ao alcance imediato nos textos bíblicos, inspirados e infalíveis⁶. Esta persuasão leva ao fanatismo. J. Moingt comenta que “o fundamentalismo necessita de excesso de fanatismo para provar a si mesmo e a todo mundo que ele é pura obediência a uma realidade transcendente: ele se projeta no divino retraindo-se do senso comum”⁷. Renunciando à hermenêutica, elimina-se qualquer possibilidade de diálogo entre religião e ciência. Um dos seus inimigos mais comuns é o evolucionismo. Para defender a fé no criacionismo, em uma fidelidade intransigente à interpretação literal da Bíblia, os fundamentalistas fecham-se ao diálogo com os novos problemas.

Um dos suportes teológicos do fundamentalismo cristão é a sua pregação apocalíptica com constantes referências ao fim do mundo: é muito comum a pregação de que Cristo está voltando para julgar e separar os bons dos maus e mandar os maus para o fogo eterno, libertando os fiéis deste mundo condenado. Geralmente o fundamentalismo não faz distinção entre religião e política. Estes grupos desejam por meio da participação direta nos poderes políticos constituídos, estabelecer um regime teocrático, a dominação cristã do Estado e da vida privada.

⁵ WICKS, J. “Fundamentalismo”, in *Dicionário de teologia fundamental*. Editora Santuário-Vozes, 1994, p. 331.

⁶ WICKS, J. “Fundamentalismo”, p. 332.

⁷ MOINGT, J. “Religions, traditions et fondamentalistes” in *Etudes*, 373 (1990) 3, p. 217.

O fundamentalismo caracteriza-se como um movimento de defensiva frente a um mundo em profundas transformações nos aspectos técnicos, econômicos, sociais, culturais e religiosos. Nas últimas décadas, as seitas pentecostais fundamentalistas cresceram muito seus efetivos graças à difusão de seitas norte-americanas. No Brasil, na década de 1990, por exemplo, as igrejas pentecostais chegavam talvez a 13 milhões de adeptos, aproximadamente 8,5% da população brasileira, hoje, certamente, esses números cresceram.

Em síntese, a pós-modernidade caracteriza-se por este tempo de pensamento fraco. Este domínio da racionalidade técnico-científico causou e causa grandes transformações em todos os campos da atividade social, impactando na cultura, economia, política, nas ciências, na educação, nas artes e também na vivência religiosa. Neste contexto, a realidade do ser humano tornou-se cada vez mais sem brilho e complexa. Quando as pessoas percebem esta fragmentação e limitação sentem-se frustradas, ansiosas e angustiadas. Esta é a causa pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise de sentido⁸.

2 O desafio da Igreja de encontrar o ser humano

Neste cenário de pós-modernidade e de crise, coloca-se o desafio do anúncio de Jesus Cristo e da presença da Igreja no mundo urbano pós-moderno. A passagem da agricultura para a indústria provocou uma rápida urbanização e concentrou nas cidades a população antes dispersa nos campos. Essas concentrações produziram as megalópoles⁹. A cidade, hoje, não é só um espaço social onde a maior parte da população se concentra; trata-se de uma nova civilização, um novo modo de viver, isto é, de relacionar-se com os outros, com a natureza e com Deus. Esta mentalidade urbana está presente também no mundo rural. A cidade se compõe de bairros, instituições, de uma rede de relações interdependentes entre si. A vida se desenvolve, ao mesmo tempo, em diversos espaços. Na cidade convivem diferentes categorias sociais, tais como elites econômicas, sociais e políticas, a classe média com seus diferentes níveis, e a grande multidão dos pobres¹⁰.

⁸ *D. Ap*, n. 35-37.

⁹ Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da igreja do Brasil 2003 -2006, 36-37.

¹⁰ *D. Ap*, n. 512.

A metrópole rompe os espaços humanos de relacionamento. Harvey Cox, na sua famosa obra *The secular city*, de 1965, caracteriza a grande metrópole pelo *anonimato* e a *mobilidade*¹¹. Na cultura rural, nas pequenas cidades, predominavam e ainda predominam relações primárias nos negócios, na política, etc. As pessoas conheciam-se pelo nome, pelas famílias, etc. Criavam-se e criam-se ainda, polos de encontro. As grandes cidades rasgam esse tecido de encontros, separa as pessoas, isola-as em conjuntos habitacionais superpopulosos. O anonimato torna-se defesa da privacidade ameaçada pela proximidade de tantos vizinhos. Já não é mais possível reconstruir o tecido de relações das pequenas cidades ou do campo. Mesmo os condomínios fechados ou bairros menores da periferia das grandes cidades não conseguem criar os laços da antiga cidade, porque as pessoas já pensam e sentem diferentemente. A mentalidade individualista inoculou dificuldades de relações, as pessoas se fecham em um individualismo que se rompe somente com encontros esporádicos e sem consistência permanente. O cardeal Carlos Maria Martini diz que as metrópoles modernas assemelham-se mais a aglomerados que a verdadeiras unidades sociais e culturais. Há tantos grupos diferentes, com suas subculturas, seus hábitos, seus pontos de referência, que quase não mantêm comunicação uns com os outros. Pessoas que vivem sob várias referências sociais e culturais encontram-se no metrô, nos ônibus, pelas ruas do centro, mas não se conhecem e não se falam¹².

Não faltam nas cidades fenômenos altamente positivos como redes de solidariedade, presença de grupos culturalmente vivos e socialmente engajados, um desejo sempre maior de racionalidade. Existem instituições educacionais, culturais, religiosas, esportivas, de lazer, da área de saúde, etc. que ajudam a romper o isolamento ou anonimato e ajudam a cidade a sentir-se mais unida. Tantos eventos, locais, situações onde as pessoas se encontram por interesses, necessidade, gostos, etc. e que ajudam a romper o isolamento e a criar elementos de unidade, integração, etc.

¹¹ COX, H. *A cidade do homem*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971, 50, diz: Duas imagens extraídas do contexto da tecnópolis sugerem os elementos da sua forma social que desejamos estudar. A primeira é a mesa de controle de ligações, da chave de comunicação na cidade, ligando seres humanos entre si, através da magia eletrônica. A outra é a do trevo rodoviário, a imagem da mobilidade simultânea em muitas direções. Estes símbolos sugerem tanto possibilidades quanto problemas. Ilustram as duas componentes características da forma social da metrópole moderna: anonimato e mobilidade.

¹² MARTINI, C. M. *Levanta-te vai a Nínive, a grande cidade*, São Paulo: Loyola, 1992, 20-21.

A Igreja é uma dessas instituições que ajuda na criação de unidade, integração, que ajuda a romper o anonimato. Os Evangelhos acentuam Jesus que tira as pessoas do anonimato, dá-lhes um rosto, uma face. A sua humanidade será sempre expressão da grandeza do amor de Deus. *A proposta de redes de comunicação pode ajudar a tirar as pessoas do anonimato, da isolamento, do individualismo e da solidão atormentadora. O motor dos encontros será sempre o interesse. Haverá tantas situações de encontro quantas forem os interesses criados: profissionais, lúdicos, intelectuais, sociais, políticos, religiosos, de informática, etc.* É necessário criar inúmeros núcleos de interesses que agrupem as pessoas livremente, de acordo com os seus interesses. Estes núcleos permitem a troca de experiências, troca de saberes, encontros, atividades que respondem a finalidades diversas: cria laços entre as pessoas, rompe a solidão e o individualismo, dá um rosto à pessoa, tira o ser humano do anonimato. A Igreja, ou melhor, a paróquia, pensada em nível de redes, pode transformar a ação pastoral. A paróquia deverá ser assim, a rede de pequenas comunidades e, ao mesmo tempo, o espaço da consciência de eclesialidade comunitária. A cidade é lugar de salvação. A cidade de Jerusalém, que Jesus conheceu, visitou e fora dos seus muros morreu e ressuscitou, é sinal da Jerusalém celeste. O Evangelho desde as origens foi anunciado nas grandes cidades do império Romano. Paulo foi um evangelizador urbano.

Para ser presença viva no complexo tecido da cidade, a Igreja precisa ser concebida na sua riqueza ministerial e pensar novas formas de *presença evangelizadora nos diversos ambientes urbanos*. A atividade pastoral necessita superar os limites da dimensão territorial da paróquia em direção aos diversos setores da cidade, aqueles ambientes onde as pessoas na cidade moderna passam a maior parte do tempo de vida. Estes constituem espaços privilegiados de evangelização, lugares onde os cristãos, sobretudo o laicato, são chamados a dar testemunho do próprio batismo, a ser ali uma presença viva de Igreja. Para responder a esta presença nos diversos espaços, urge desenvolver mais a ministerialidade dos leigos na vida da Igreja. Se em um momento, em algumas regiões, parece-se ter incentivado muito a ministerialidade leiga em detrimento da ordenada; hoje, em uma eclesiologia de comunhão, necessita-se incentivar ambas, em uma relação de complementação entre elas, não de oposição. A ministerialidade ordenada é fundamental e insubstituível na Igreja; porém, não esgota a ministerialidade da Igreja. Isto é feito também pelos membros de movimentos religiosos, que noticiam atividades várias realizadas nos diversos ambientes da vida profes-

sional e familiar (acadêmico, esportivo, político, operário, empresarial, etc.).

3 O ser humano, um ser à busca de sentido

O ser humano é um ser à busca de sentido. O Documento de Aparecida constata uma crise de sentido na sociedade atual:

Essa é a razão pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise de sentido. Eles não se referem aos sentidos parciais que cada um pode encontrar nas ações cotidianas que realiza, mas ao sentido que dá unidade a tudo o que existe e nos sucede na experiência, e que os cristãos chamam sentido religioso¹³.

Wittgenstein afirmou que quando todas as possíveis questões científicas encontrassem as suas respostas, os nossos problemas de vida não teriam ainda sido tocados¹⁴. Nos momentos decisivos da vida, o homem não espera somente na ciência. Nas situações decisivas da vida: na confiança humana, na amizade, no amor, na doença, no falimento diante da morte, coloca-se sempre o problema do sentido, da totalidade de sentido da vida. Em cada ser humano há uma busca de sentido, há um projeto de sentido da vida¹⁵. J. Ratzinger mostra que a natureza humana não pode ser saciada pela pura positividade dos fatos. O texto de *Mt 4,4* oferece o elemento para sublinhar o significado global da existência. Diz ele:

Com efeito, o homem não vive apenas do pão da factualidade; com efeito, ele vive do amor, do sentido das coisas. O sentido é o pão que lhe possibilita subsistir, em sentido próprio como homem. Sem a palavra, sem uma finalidade, sem amor, o homem chega à situação de não mais viver, mesmo cercado de todo conforto humano. O homem necessita de um sentido que preencha a sua solidão. Esta solidão pode ser superada não por meio da razão, mas por meio de uma presença, de um ser que o queira bem.

¹³ D. Ap, 37; PORTELLA AMADO, J. “Mas que Loucura. O Desafio de seguir Jesus Cristo no Século XXI”. In *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*, Petrópolis: Vozes, 2009, 25 comenta: “Na medida em que as instituições e as tradições já não são vistas como produtoras (absolutas) do sentido para a existência, o caminho é buscar incessantemente. Assim, mais do que encontrar, importa buscar. Plasmam-se, deste modo, sentidos parciais para a existência, significados construídos a partir de diversas situações experimentadas. O crente, o religioso de nosso tempo é muito mais o navegador do que o residente no porto. Quando no porto, sente nostalgia do mar”.

¹⁴ WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*, Frankfurt/M. 1964, 114.

¹⁵ KASPER, W. *Fede e Storia*, 128.

O homem pode vencer a solidão somente experimentando a existência como um ser amado. A questão do sentido não é uma opcional, um elemento acessório a uma vida em si já completa, mas é a condição mesma para poder viver, é aquilo que só pode justificar a sua transmissão às futuras gerações. Enfim, o homem que busca um sentido último e onicompreensivo percebe que este sentido não pode vir da ciência e nem criado do fazer e do operar, mas pode somente ser esperado e recebido daquele que é “outro” de si.

O conceito de sentido, expressa o projeto de totalidade da nossa vida, que não pode encontrar o “seu ser total” sem o mundo no qual está situada. Este sentido busca os humanos quando procuram felicidade, vida, amor, esperança, certeza, sucesso, poder, etc.¹⁶. Uma pessoa que não encontra este sentido torna-se vazia, solitária, etc. A busca de prazer, a ambiciosa aspiração ao sucesso, ou a revolta que destroi tudo, não são mais que tentativas de afastar este vazio de sentido. Somente lá onde encontra o sentido o homem pode aceitar a si mesmo, aos outros e reconciliar-se com a realidade. Somente na experiência de sentido, e por meio desta, o homem chega ao “ser total” e à salvação da própria existência. O sentido experimentado e realizado seria então a salvação do ser humano¹⁷. Este sentido totalizante o ser humano pode encontrar somente no mistério do Deus amor, revelado por Jesus de Nazaré. Resta ao cristianismo, neste momento em que tudo se define como passageiro, ser convincente no forma de anunciar Jesus Cristo como verdadeiro sentido da vida e da existência.

4 Uma cristologia que conduz ao segmento

Nas nossas cidades, principalmente nas camadas mais pobres, onde o nível de escolaridade é mais baixo, muitas pessoas estão indo ao encontro de “novas experiências religiosas”. Nestas o nome de Jesus é muito pronunciado e invocado. Porém, é demasiado difundido um Jesus milagreiro, que responde com facilidade às necessidades de saúde, econômicas, sentimentais, etc., um Jesus taumaturgo, produtor de milagres, prodígios, curas e afins. Um Jesus que responde às necessidades mais imediatas da pessoa humana, com o qual se estabelece uma relação

¹⁶ KASPER, W. *Fede e Storia*, 128.

¹⁷ KASPER, W. *Fede e Storia*, 129.

funcional, meramente sentimental e de interesse¹⁸. Esta realidade é profundamente difundida pelos meios de comunicação. Uma invocação do nome de Jesus que não leva a um compromisso de mudança pessoal e que convive tranquilamente com uma cultura de desrespeito a vida, ao bem comum, insensível diante do sofrimento dos mais pobres. Esta cristologia se coaduna com a pós-modernidade, pois esta se caracteriza por um forte retorno ao sagrado, porém, a um sagrado sem foco bem-definido, uma transcendência sem rosto, sem conteúdo; onde Deus se torna um ornamento, uma figura que se concilia com a crise ética e com a falta de sentido.

A questão cristológica não pode ser ignorada neste momento. Que imagem de Jesus Cristo queremos propor para o segmento? O Documento de Aparecida aponta para a integralidade do ministério de Jesus, um Jesus que convida o discípulo para o seu segmento.

Os Evangelhos apresentam Jesus que chama os discípulos. Aqueles que se sentiam atraídos pela sua sabedoria, pelas suas palavras, pela bondade de seu comportamento e pelo poder de seus milagres, pela admiração inusitada que sua pessoa despertava chegaram a ser discípulos de Jesus. A estes, Jesus os convida para o segmento. Seguir Jesus é assumir o seu caminho, o discípulo é aquele que segue o caminho do mestre. Os Evangelhos sinóticos e também João apresentam um Jesus que convida o discípulo ao segmento.

Marcos, no seu Evangelho, de 1,1 até 8,28, narra um grande número de milagres, exorcismos, etc. Após a confissão de fé de Pedro (8,27-30), que declara ser Jesus o Messias, o evangelista muda a tônica do Evangelho; Jesus é o Messias, porém o Messias que deve sofrer, o Messias servo. A parte central do Evangelho (Mc 8,27-10,52) é marcada pelo tema do seguimento: três anúncios da paixão (8,31; 9,31; 10,33s); três vezes é destacada a incompreensão dos discípulos (8,3; 9,32; 10,35ss), três vezes Jesus fala sobre as condições para o verdadeiro seguimento (8,33-38; 9,33-50; 10,38-45).

O chamamento ao seguimento no caminho do sofrimento, cruz e ressurreição tem a finalidade de prevenir contra uma falsa compreensão do messianismo de Jesus e contra uma falsa compreensão do próprio discipulado.

¹⁸ Esta cristologia coaduna-se com a pós-modernidade, pois esta se caracteriza por um forte retorno ao sagrado, porém a um sagrado sem um foco bem-definido, uma transcendência sem rosto, sem conteúdo; onde Deus se torna um ornamento, uma figura que se concilia com a crise ética e com a falta de sentido.

O discipulado vem apresentado como experiência de associação ao destino do mestre em sua paixão, morte e ressurreição. Só no seguimento de Jesus, que é caminho de sofrimento e humilhação, é que o discípulo terá condições de compreender o messianismo de Jesus¹⁹. No fechamento da seção, Marcos apresenta a cura do cego de Jericó (10,46-52) mostrando que só o milagre de Deus pode abrir os olhos à compreensão do caminho de Jesus e do verdadeiro discipulado. A cena do cego curado, que segue Jesus “pelo caminho” que leva a Jerusalém, para a entrega do Filho do homem, torna-se o símbolo do verdadeiro discipulado, que consiste em ir atrás de Jesus, não buscando a própria segurança, renunciando aos próprios direitos, gastando a vida em benefício do próximo. Marcos deixa claro que o caminho de Jesus é único, o discípulo não pode nunca ser outro Cristo²⁰.

Marcos enfatiza que, na prisão de Jesus, todos o abandonaram e fugiram (*Mc* 14,50), somente um jovem o seguia e sua roupa era um lençol enrolado no corpo. E foram agarrá-lo. Ele, porém, deixando o lençol, fugiu nu. Este gesto exprime o abandono total de Jesus por parte daqueles que eram considerados seus seguidores²¹. A Galiléia será o lugar do reencontro do ressuscitado com os discípulos.

Também para o Evangelho de Mateus, o discipulado é comunhão de destino dos discípulos com Jesus. Os discípulos são chamados para se colocarem no seguimento de Jesus (*Mt* 4,18-22; 8, 18-22; 9,9). A sorte do discípulo consiste em compartilhar o caminho de Jesus (8,23-27). O discípulo deve também dividir o destino de Jesus: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (*Mt* 16,24).

O Evangelho de Lucas, antes do chamamento dos primeiros discípulos, apresenta Jesus que ensina, prega na sinagoga de Nazaré, cura um endemoniado e a sogra de Simão (4,1-44). Lucas termina o capítulo quarto dizendo: “E pregava pelas sinagogas da Judéia” (*Lc* 4,44). Depois deste período de ministério de Jesus, Lucas introduz o chamamento de Simão, Tiago e João (*Lc* 5,1-11). Assim, o evangelista oferece um ambiente psicológico e uma explicação para o comportamento

¹⁹ SCHERER, O.P. *Justo Sofredor. Uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo*, São Paulo: Loyola, 1995, 276.

²⁰ SCHERER, O.P. *Justo Sofredor. Uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo*, 277.

²¹ FITZMYER, J.A. *Luca Teologo. Aspetti del suo insegnamento*, Brescia: Editrice Queriniana, 1991, 103-104.

destes pescadores que deixaram tudo para seguir Jesus. Jesus é o mestre e aquele que cura²². Em 5,27-28, Jesus chama Levi para segui-lo. No capítulo sexto, Jesus escolhe os 12. O longo itinerário de subida para Jerusalém, narrado (9,51-19,27), onde se realizará a entrega de Jesus e seus dias de sofrimento, é apresentado como período no qual Jesus instrui os seus discípulos, que com o tempo, tornarão “testemunhas escolhidas de Deus” (At 10,41). Jesus envia a pregar não somente os 12, mas também os 72 (Lc 10,1-16), aos quais diz: “Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou” (Lc 10,16). Os discípulos que discutiam entre eles quem seria o maior, não compreenderam o significado do seguimento de Jesus (Lc 9,45.46). Jesus sobe a Jerusalém à frente dos discípulos para abrir-lhes o caminho (Lc 9,51; 18,31-34; 19,28).

Os discípulos poderão compreender verdadeiramente o caminho de Jesus somente quando ele ressuscitado se colocar no meio deles e lhes explicar as Escrituras, mostrando que tudo isso devia acontecer. Com a exegese feita por Jesus, mas também pela luz mesma do acontecimento da ressurreição (v. 45), os olhos dos discípulos agora se abrem. A falta desta inteligência das Escrituras tinha caracterizado a atitude dos discípulos (Lc 9,45; 18,34). Agora, a experiência pascal da ressurreição abre a mente a fim de que compreendam o significado das Escrituras (At 3,17-18; 17,3).

Agora, para sermos verdadeiramente anunciadores de Jesus, precisamos ser contempladores do seu rosto.

5 Contempladores do rosto de Cristo

O papa João Paulo II, de saudosa memória, na Carta Apostólica: *Novo Milenium Ineunte* (No início do Novo Milênio), pergunta: “E não é porventura a missão da Igreja refletir a luz de Cristo em cada época da história, e, por conseguinte, fazer resplandecer o seu rosto também diante das gerações do novo milênio? Mas o nosso testemunho seria excessivamente pobre se não fôssemos primeiros contemplativos do seu rosto ...”²³. Em uma cultura secularizada, atraída para o religioso como objeto de consumo e descrente das grandes sínteses, o religioso está relegado à vida privada, está voltado à subjetividade. Busca-se no

²² FITZMYER, J.A. *Luca Teologo. Aspetti del suo insegnamento*, 101-102.

²³ *Novo Millenio Ineunte*, 16.

mercado religioso aquilo que me satisfaz como indivíduo não sabendo se responderá amanhã. O ser humano pós-moderno rejeita as grandes idéias, quer a razão fraca, simbólica. Neste contexto, a sobrevivência do cristianismo dependerá da capacidade de desenvolver uma nova mistagogia. Cumpre-se, assim, o que Karl Rahner dizia: “O cristão do futuro ou será místico ou não será cristão”²⁴. O cardeal Carlos Maria Martini, no seu livro diálogos noturnos em Jerusalém diz:

No mercado dos bens religiosos e pseudo-religiosos, o Cristão só poderá subsistir se conhece Jesus. O cristão que aprende a conhecer a Bíblia, irá agir em nome de Jesus, visitará os presos, buscará aliviar enfermidades e lutará pela justiça. O cristão católico recebe Jesus na comunhão²⁵.

O ressuscitado transcende a nossa realidade temporal, mas pode ser encontrado, experimentado na história. A experiência é algo fundamental da vida do ser humano. Na bíblia, a experiência do mistério de Deus muda o sentido da vida do ser humano. Os discípulos de Emaús mostram a importância da experiência no caminho da fé (*Lc 24,13-35*). É a experiência com o Senhor ressuscitado que transforma a situação existencial dos dois discípulos. Eles em um primeiro momento tinham apenas uma notícia longínqua (*Lc 24,22-24*), mas, a partir da experiência pessoal com a pessoa de Jesus ressuscitado, há uma mudança radical de atitude (*Lc 24,33-35*). A salvação de Deus é uma realidade que pode ser experimentada na contingência da nossa história. O definitivo já aconteceu, mas ainda conhece uma consumação futura. A história vive a tensão do “já” e do “ainda não”²⁶. A contemplação do rosto do Senhor, a experiência da sua pessoa se dá através por meio de uma liturgia bem-celebrada, da leitura orante da palavra de Deus, da oração pessoal, através da experiência de exercícios espirituais, etc. Somente

²⁴ RAHNER, K.: “Elemente der Spiritualität in der Kirche der Zukunft” (1977), in: ID.: *Schriften zur Theologie XIV*. Zürich-Einsiedeln-Köln: Benziger, 1980, 368-381 (aqui: 375).

²⁵ MARTINI, MARIA C. *Diálogos noturnos em Jerusalém*, São Paulo: Paulus, 2008, 37.

²⁶ A prospectiva histórico salvífica mostra a centralidade que o evento Cristo ocupa no desenvolvimento da história da salvação. Permanece sempre a tensão testemunhada no Evangelho entre o já e o ainda não, entre aquilo que já é realizado em Cristo, é aquilo que deve realizar-se no futuro escatológico. (Cf. J. Dupuis, *Introduzione alla Cristologia*, 36-37).

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, 46.

este aprofundar-se e se tornar um com o Tu de Deus²⁷, somente o contato pessoal e amoroso com ele é que vai formando e plasmando o coração do discípulo-missionário e ele vai se comprometendo mais profundamente com a vida da comunidade. Observa o Pe. Mário de França Miranda:

Observamos que nos últimos anos, a Igreja empenhou-se em conchamar os católicos a se voltarem para os grupos sociais mais necessitados ou marginalizados na sociedade. De fato, as condições de vida de grande parte da nossa população são realmente escandalosas, e a opção pelos pobres apenas demonstrou a coerência da Igreja com o Evangelho. Mas esta pregação de cunho mais funcional (luta pela justiça) deveria vir acompanhada de uma proclamação mais substantiva, que tivesse como objeto o querigma primitivo da pessoa de Jesus Cristo, sua vida e mensagem em toda a sua densidade e profundidade. Só assim seriam os fiéis estimulados a um relacionamento mais existencial com o Filho de Deus²⁸.

O Anúncio salvífico deve levar a pessoa “a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo”. Esta experiência não pode estar ausente de todo o processo de formação, como era na Igreja primitiva, em que não se separava a doutrina da experiência mistagógica²⁹. Uma pastoral mistagógica deveria fazer parte de nossos projetos de pastoral.

6 Um anúncio alegre

O anúncio de Jesus Cristo deve ser um anúncio alegre no qual transparece a gratidão e alegria de sermos discípulos missionários. O Evangelho de Lucas enfatiza este aspecto da alegria. Lucas espalhou assim sobre o seu evangelho o resplendor da alegria. Alegria e júbilo de salvação perpassam a sua exposição desde o anúncio do nascimento de João (1,14), por intermédio da mensagem natalina (2,10.14), nas bem-aventuranças (6,23), no brado de júbilo após a volta dos discípulos que tinham sido enviados (10,17.21), da satisfação de Deus sobre a conversão dos pecadores (15,5.7.10.32) até o júbilo pascal (24,41.52). Assim também predomina na vida da Igreja primitiva o júbilo escatológico (*At* 2,46) e grande prontidão missionária (15,3)³⁰.

²⁷ TABORDA, F. *Cristianismo e ideologia. Ensaio teológico*, São Paulo: Loyola, 1984, 53.

²⁸ MIRANDA, M. FRANÇA *Um catolicismo desafiado*, São Paulo: Paulinas, 1996, 105.

²⁹ *D. Ap*, n. 289; M. FRANÇA MIRANDA, *Igreja e sociedade*, São Paulo: Paulinas, 93.

³⁰ SCHNACKENBURG, R. *Cristologia do Novo Testamento*, 77.

O texto de Lucas 10,17-22 ilustra esta realidade. Os 72 voltaram alegres, dizendo:

Senhor até os demônios se nos submetem em teu nome [...], Jesus vai dizer: Contudo não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos porque vossos nomes estão escritos nos céus. E o próprio Jesus exulta de alegria...

Esta alegria de Jesus e dos discípulos deve ser a marca da vida da Igreja, do discípulo missionário. É a alegria pela pérola do Reino encontrada. É a alegria que dá vida à Igreja, que nos sustenta na fadiga cotidiana, que caracteriza de modo singular a comunidade cristã.

O Documento de Aparecida manifesta uma Igreja na qual transporece esta tônica da alegria e da gratidão. Em 39 números aparece esta gratidão e alegria da Igreja: pelo dom da fé, pelo encontro com o Cristo, por tantas coisas boas que acontecem, etc. Esta deve ser a marca do discípulo missionário e a do anúncio e do testemunho de Jesus Cristo.

7 Um anúncio portador de Esperança

O anúncio de Jesus Cristo tem que ser portador de Esperança. A Esperança cristã fundamenta-se na memória de Cristo. A ressurreição de Cristo morto diz-nos que Ele não se encontra mais entre os mortos, e que, portanto, a ordem deste mundo mortal foi rompida³¹. Na morte, Jesus se encontra só, todos o abandonaram, tudo parecia terminado. Aqueles que esperavam que fosse ele que libertaria o Israel do domínio romano, que restauraria a realeza, pareciam ver seus idéias terminados com aquela morte, que segundo a teologia reinante (*Dt* 21,22-23), era morte de maldição. Os discípulos de Emaús confessam: “Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel” (*Lc* 24,21).

O fato de este abismo intransponível entre a morte de Jesus e aquele primeiro dia da semana ter sido superado por alguns judeus, discípulos do Nazareno, exige uma explicação que seja proporcional ao abismo. Já o protestante racionalista David Friedrich Straus admitia:

A formidável reviravolta (*der ungeheure UMSCHWUNG*), que da profunda depressão e total desespero causado pela morte de Jesus, levou à força da fé e ao entusiasmo com que os discípulos o anunciaram como Messias, não se poderia explicar se no tempo intermediário, não produzisse um acontecimento excepcionalmente encorajador³².

³¹ MOLTMANN, J. “Ressurreição – fundamento, força e meta de nossa Esperança”, 112.

³² STRAUSS, D.F. *Das Leben Jesu kritisch bearbeitet*, II, Tübingen 1836, 631-632.

O cristianismo primitivo fundava sua fé não sobre uma reconstrução científica do Jesus histórico, mas na escuta da viva proclamação dele morto e ressuscitado.

O grande anúncio daquele primeiro dia da semana: “Ressuscitou, não está mais aqui”. As aparições do ressuscitado são mencionadas explicitamente no *kerigma* primitivo (1Cor 15, 3-8). Paulo recorda cinco aparições: a Cefas, aos 12, a 500 irmãos, a Tiago, a todos os apóstolos e por fim a ele mesmo³³. Marcos não há nenhum; Mateus narra duas aparições: uma em Jerusalém (28,9-10) e outra na Galileia (28,16-20); Lucas recorda três aparições e somente na Galileia: aos discípulos de Emaús (24,3-33), a Simão (24,34) e a todos os discípulos (24,36-53). O evangelho de João é interessado somente a Jerusalém: a Maria Madalena (20,11-18); aos discípulos, primeiro sem Tomé e depois com ele (20,19-28), mas o apêndice do capítulo 21 nos leva à Galileia [aparicação aos discípulos e com maior insistência sobre Pedro com relação a João]. Os Atos dos Apóstolos, enfim, supõem uma sucessão de várias aparições (1,3; 10,41; 13,31), ainda que se somente a última é aos apóstolos (1,6-11).

Os Evangelhos narram ainda a presença das mulheres no sepulcro e a realidade do sepulcro vazio que é explicitamente presente nos quatro evangelhos e somente nestes (Mc 16,1-8; Mt 28,1-8; Lc 24,1-8; Jo 20, 1-10).

A presença das mulheres é confirmada por um contraste da inadmissível função de testemunha segundo a disposição legal judaica, para a qual as mulheres não são testemunhas válidas. O fato recomenda-se como histórico, também porque não se explica como a sucessiva comunidade cristã tenha de qualquer modo, humilhados os seus líderes, tirando dos apóstolos o privilégio de primeiras testemunhas.

A historicidade do sepulcro vazio é dificilmente eliminável. Toda uma série de indícios vai nesta direção. A impossibilidade de proclamar a ressurreição em Jerusalém, se o túmulo localizado perto dos muros não estivesse vazio; enfim, a polêmica judaica sobre o furto do cadáver, supõe o túmulo vazio. O sepulcro vazio é um canal de união entre o crucificado e o ressuscitado, mostrando a identificação entre o crucificado e o ressuscitado.

É a partir da ressurreição de Cristo que o anúncio cristão se tornou *kerygma* de ressurreição e de vida. Os atos dos apóstolos dirá que em seu

³³ Sobre os componentes e a importância destes testemunhos arcaicos, além dos comentários, J. CABA, *Cristo mia speranza, é risorto*, 126-136; J. LAMBRECHT, “Line of Thought in 1Cor 15,1-11”, *Gregorianum* 72 (1991), 655-670.

nome era pregada a remissão dos pecados. Paulo desenvolve o discurso sobre a ressurreição dos mortos a partir da ressurreição de Cristo (*1Cor 15*).

No Cristo ressuscitado o *eschaton* já é presente em toda a sua ação de nova qualidade de vida divina. A ressurreição marca o início da recriação definitiva operada por Deus, que ainda uma vez se define como o Deus que dá a vida³⁴. Com a ressurreição tiveram início os eventos salvíficos últimos e definitivos.

A ressurreição, enfim, é um evento de salvação. Não diz respeito somente a Cristo, mas constitui o início e a antecipação da geral ressurreição dos justos. Jesus é o primeiro ressuscitado, inaugura um mundo novo e um novo gênero humano, que historicamente visibiliza-se na Igreja, sacramento da sua presença salvífica.

A ressurreição de Jesus não só representa todas as outras ressurreições, mas as precede e as torna possível. Essa abre o futuro como futuro de vida e não só como simples tempo a vir. O Cristo ressuscitado é, assim, a semente da “nova humanidade”, que imersa na velha humanidade, a liberta da escravidão do pecado, da lei e da morte. Jesus ressuscitado é o homem novo e abre a humanidade um futuro de novidade absoluta. A realidade desta plenitude e desta novidade já irrompeu na nossa história, polarizando a marcha para o “estado do ser humano perfeito”³⁵.

8 Conclusão

Necessitamos assumir os desafios desta época da história impostos à Igreja com alegria e esperança. A Igreja, vivendo da experiência do Senhor ressuscitado, é chamada a encontrar o ser humano lá onde ele se encontra e fazer-lhe o alegre anúncio de que em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, se encontra o sentido da vida humana e da história.

O desafio é aquele de conduzir o ser humano a uma experiência profunda do mistério de Cristo, de levá-lo a encontrar-se com a pessoa viva de Jesus Cristo. A experiência é algo fundamental na vida do ser humano. A narrativa dos discípulos de Emaús ilumina a importância da experiência no caminho da fé (*Lc 24, 13-35*). É a experiência com o Senhor ressuscitado que transforma a situação existencial dos

³⁴ KASPER, W. *Gesù il Cristo*, Brescia: Queriniana, 1975, 196-220.

³⁵ GONZÁLEZ FAUS, J. I. *La humanidad nueva. Ensayo de cristología*. Madrid: EAPSA, 1974, 166-176. 2v.

dois discípulos. A salvação de Deus é uma realidade que pode ser experimentada na contingência da nossa história. A história é o lugar da Revelação de Deus, é o lugar da experiência, é o lugar da decisão por um evento que trás em si todo o sentido da história e da vida humana, Jesus Cristo. O mistério de Cristo pode e deve ser experimentado na liturgia, nos sacramentos, na oração, na leitura orante das Escrituras, nos irmãos. Cristo é a realidade última da criatura.

Neste alegre anúncio de Jesus Cristo, urge o uso de uma linguagem que interpele o ser humano pós-moderno, o que se pode chamar de linguagem simbólica. A linguagem simbólica toca o ser humano na sua totalidade: sentidos, razão e emoções. O ser humano coloca-se sempre como um todo diante da realidade. Impulsionado pela alegria e esperança do encontro e segmento do Ressuscitado o ser humano pós-moderno poderá assumir os grandes desafios e causas que afetam a vida da sociedade hoje: exclusão social, crise ecológica, violência, etc.